

## AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE CÂNCER DE PELE NA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO E JOGO DIDÁTICO EXPLORATÓRIO

Brisa S. Solon de oliveira<sup>1</sup>

Evelin Damasceno Conceição<sup>2</sup>

Marília de Santana Mota<sup>3</sup>

Maria Eduarda Jucá T. de Carvalho<sup>4</sup>

Nicholas Ettore Queiroz dos Santos<sup>5</sup>

Érica Etelvina Viana de Jesus<sup>6</sup>

**Resumo:** O câncer de pele é caracterizado como a neoplasia mais comum do país. Deste modo, os jovens são classificados como grupos mais propensos a vulnerabilidade da exposição solar de forma inadequada. Objetivou-se avaliar o conhecimento dos jovens universitários sobre o câncer de pele, devido à exposição solar, relacionada ao uso inadequado de protetores. Trata-se de um estudo transversal e descritivo com pesquisa quantitativa, composto por 102 jovens universitários e aplicado por meio de questionário e jogo didático com perguntas e respostas voltadas à proteção solar dos mesmos. A maioria dos jovens afirmaram se expor ao sol por mais de uma hora, cerca de 14% dos entrevistados relataram possuir histórico familiar de câncer de pele. Após aplicação do jogo didático, os jovens entrevistados relataram a importância do conhecimento da proteção contra os raios solares e a eficácia do jogo aplicado.

**Palavras-chave:** Câncer de pele, proteção solar, exposição solar, fotoproteção, universitários

---

<sup>1</sup>Graduando de Odontologia, e-mail: brisa.solon@outlook.com

<sup>2</sup>Graduando de Enfermagem, e-mail: evelin.damas2017@gmail.com

<sup>3</sup>Graduando de Odontologia, e-mail: mariliamota466@gmail.com

<sup>4</sup>Graduando de Odontologia, e-mail: madudajucah48@gmail.com

<sup>5</sup>Graduando de Odontologia, e-mail: nicholasqueirooz@gmail.com

<sup>6</sup>Docente no Centro Universitário Jorge Amado UNIJORGE. E-mail: ecouto30@unijorge.pro.br

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), o câncer de pele é a neoplasia mais comum no Brasil, sendo o tipo não melanoma (CPNM) o mais frequente correspondendo a cerca de 30% de todos os tumores malignos registrados no país. Ele apresenta dois tipos diferentes, os mais frequentes são o carcinoma basocelular (o mais comum e também menos agressivo) e o carcinoma epidermóide. Referente ao câncer não melanoma, quando não tratado adequadamente pode deixar mutilações bastantes expressivas, no entanto, apresenta altos percentuais de cura, se for detectado e tratado precocemente. Por mais que seja mais comum em pessoas com mais de 40 anos, e raro em crianças e negros a média de idade vem minorando cada vez mais com a constante exposição solar dos jovens (Inca, 2022).

O conjunto de fatores de risco que contribuem para lesões de pele referente ao câncer de pele estão o histórico familiar da doença, fatores genéticos e a radiação ultravioleta (UV). A utilização do fotoprotetor como forma efetiva de proteção, é recomendada para prevenção de todas as neoplasias da pele. Os jovens classificam-se em grupos vulneráveis à exposição solar de forma inadequada, seja pela prática de atividades ao ar livre, ou pela influência de fatores estéticos, já que a valorização estética do bronzeado pode levar a exposição solar por longos períodos de tempo e por muitas vezes desprotegidas (Castilho *et al.*, 2010).

Por se tratar de um País tropical e com alta intensidade à radiação solar, o Brasil conta com um número expressivo de pessoas se expondo diariamente ao sol para realizar atividades físicas, dentre estas, estão os jovens adultos, considerados candidatos a sofrerem danos decorrentes da radiação (Urasaki *et al.*, 2016). Dentro dessa perspectiva é importante conhecer a prática de exposição solar e proteção dos jovens, avaliando seu conhecimento sobre os riscos que a radiação solar traz à saúde. Dito isso, a transmissão dessas informações pode ser passada de forma criativa e lúdica, por meio de jogos interativos e didáticos, a fim de que haja um interesse e interação na participação dos mesmos.

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo investigar o conhecimento dos jovens universitários quanto às práticas de proteção e

exposição solar, bem como, avaliar o uso de um jogo didático como ferramenta educacional. Essa abordagem visa preencher lacunas, permitindo que os participantes consolide informações de prevenção por meio de questionários, estimulando o aprendizado em uma nova experiência. Nesse sentido, a compreensão das práticas de exposição solar e proteção é fundamental, considerando os danos à saúde. A sugestão de uma abordagem lúdica e criativa com o jogo, estende-se em despertar o interesse e a participação ativa dos jovens no acesso às informações referente aos riscos associados à radiação solar.

Trata-se de um estudo transversal e descritivo exploratório, que inclui a abordagem quantitativa. Para avaliação da pesquisa foram feitas com jovens universitários, tendo em vista o fato de serem um grupo suscetível à fotoexposição e também por corresponderem a um perfil educativo, ou seja, têm ou tiveram acesso a esses tipos de informações frequentemente. Algumas observações foram feitas pelos participantes, como reposição do protetor, pois para alguns deles foi uma novidade. A pesquisa foi feita por meio da aplicação de um questionário, respondido por 102 jovens do Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge) em anônimo, elaborado especificamente para esse estudo constituído por 20 questões fechadas. As mesmas abrangeram o perfil dos participantes, hábitos e conhecimentos sobre prevenção de lesões causadas pelo sol, práticas de exposição solar, fotoproteção e histórico familiar do câncer de pele.

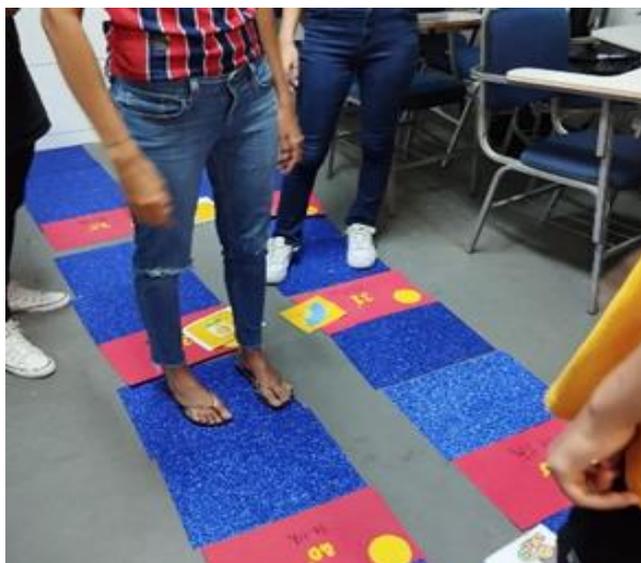
A Partir das respostas obtidas no questionário foi elaborado um jogo didático e lúdico, aplicado aos jovens universitários, cujo, utilizou-se um tabuleiro, com casas e perguntas contendo duas opções de respostas, estando elas associadas à questões de proteção epitelial. O jogo reforçou o conhecimento da prevenção contra o câncer de pele.

Figura 1. Momento do uso das cartas contendo as perguntas a serem respondidas



Fonte: arquivo pessoal

Figura 2. Momento da ultrapassagem do adversário e conquista de elementos fotoprotetores como o protetor solar



Fonte: arquivo pessoal

Figura 3. Momento da conclusão das perguntas, finalizando o jogo e avaliação do conhecimento pós jogo



Fonte: arquivo pessoal

A fim de avaliar e comparar o resultado do conhecimento após a participação do jogo, os jovens universitários responderam o segundo questionário com questões específicas, cujo, foram associadas as perguntas feitas durante o jogo.

Os resultados da primeira etapa do estudo revelaram a participação de 102 jovens universitários na pesquisa. A faixa etária predominante foi de 19 a 25 anos, apresentando uma diferença proporcional entre os gêneros. Foram analisados 47,6% (n=49) participantes do sexo masculino, e 52,4% (n=54) participantes do sexo feminino. Nos dados apresentados em relação aos tons de pele, os mais prevalentes foram pardos com 42,7%, negro com 28,2% e branco com 23,3%.

Gráfico 1. Relacionado ao uso frequente do protetor solar

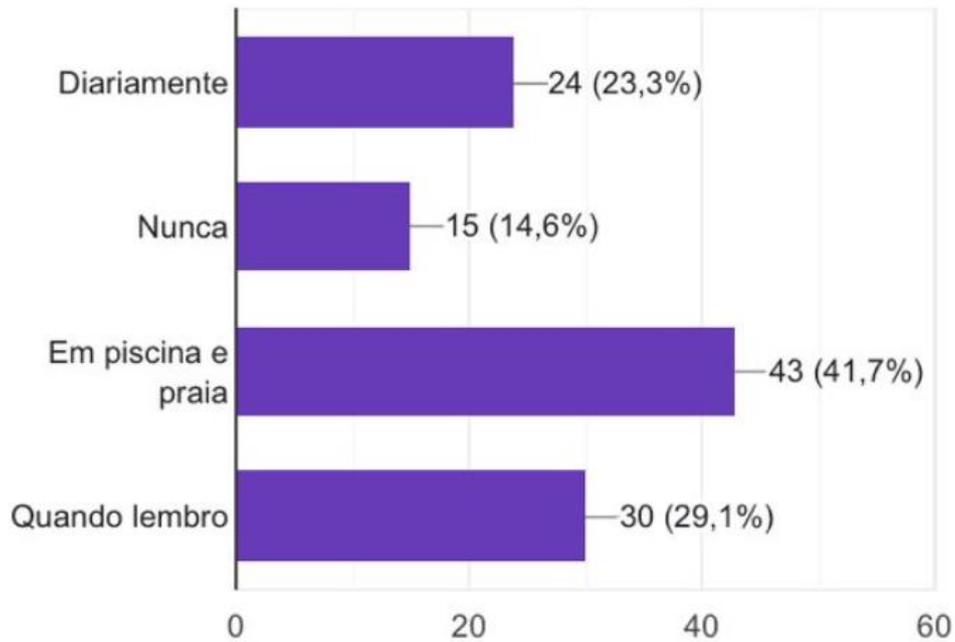
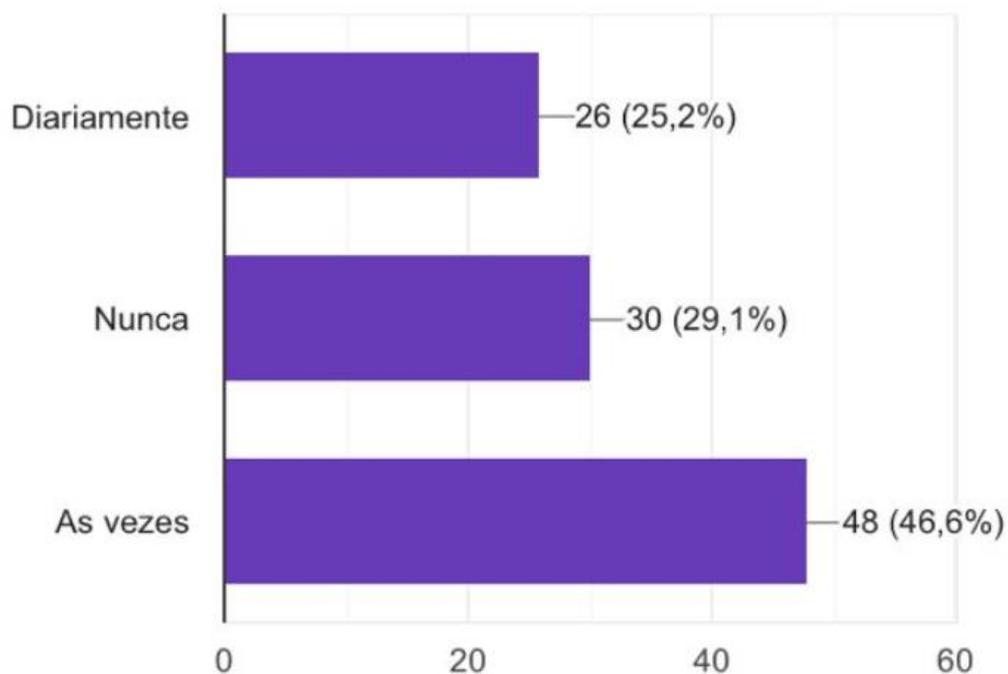


Gráfico 2. Relacionado a frequência de medidas de proteção solar



Quanto aos dados relacionados à pele, 50% dos jovens relataram lesões causadas pelo sol, 21,4% declararam histórico familiar de câncer de pele, e 92,9% acreditam que a exposição ao sol contribui para o envelhecimento da pele. Neste contexto, uma observação relevante foi que apenas 21,4% dos entrevistados consideram seu tom de pele suscetível ao câncer de pele, enquanto 78,6% não compartilham dessa crença.

Gráfico 3. Relacionado ao histórico de câncer de pele na família

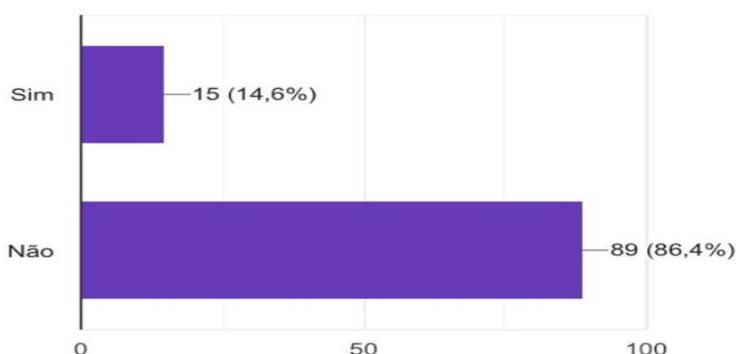
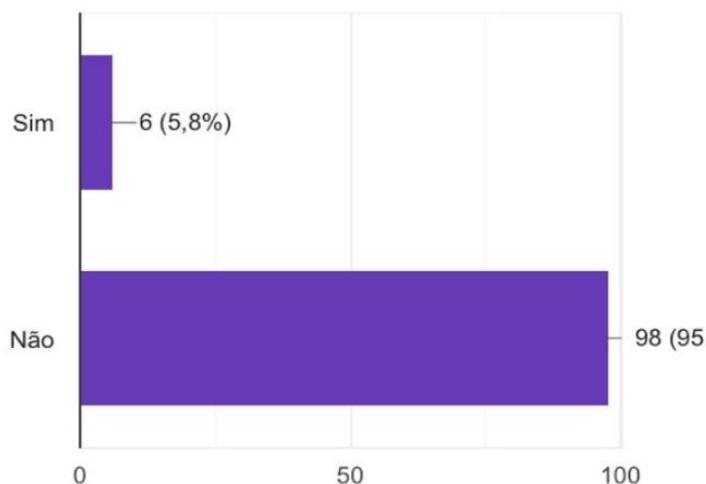


Gráfico 4. relacionado à exposição ao sol durante o trabalho



Ao analisar os hábitos de exposição aos raios solares, constata-se que 92,9% dos jovens universitários não trabalham diretamente expostos ao sol. No entanto, 64,1% deles se expõem entre 0-3 horas por dia, conforme descrito na tabela. Em relação aos horários de exposição solar mais frequentes, 37,9% afirmaram se expor antes das 10h, e 8,7% relataram se expor somente após as 16 horas. No período entre 10 e 16 horas, quando os índices de raios UVB são

mais elevados, ocasionando possíveis danos à pele, 69,9% dos entrevistados relataram se expor.

Quanto ao conhecimento desses jovens sobre os riscos provocados pela radiação solar e a prevenção, associada à aplicação diária de protetor solar, apenas 23,3% dos estudantes relataram essa prática. Ademais, 29,1% afirmaram usar o protetor solar apenas quando se recordam, e 41,7% o utilizam apenas em idas à praia ou piscina.

Chama a alerta o fato de que, embora muitos destes apliquem o protetor solar, apenas 37,9% o reaplicam, enquanto 37,9% afirmam não o reaplicar nenhuma vez. Dos entrevistados que utilizam protetor solar, 43,7% aplicam o produto apenas no rosto, 42,7% aplicam no rosto e corpo, e somente 7,8% afirmaram aplicar em membros e mãos.

A utilização de chapéus/bonés como meio de proteção solar foi mencionada por 34% dos entrevistados, e apenas 17,5% utilizam guarda-chuvas. O uso de óculos de sol foi confirmado por 39,8% dos jovens.

Em síntese, foram relatadas algumas razões pelas quais os universitários não utilizam o protetor solar, sendo o esquecimento citado por 45,6% deles. Ademais, 31,1% mencionaram a falta de disciplina, 18,4% relataram gostar de pele bronzeada, e 6,8% alegaram não precisar devido ao tom de pele. Outro fator que contribui para a não utilização do protetor solar, segundo os jovens, foi o custo elevado, citado por 3,9% dos universitários, enquanto 25,2% afirmam não necessitar de proteção devido à pouca exposição diária ao sol.

Pois apenas 28,6% dos entrevistados já foram ao dermatologista. Mesmo com a questão do bronzeamento e exposição intencional, as mulheres apresentaram uma porcentagem significativamente maior na fotoproteção em comparação aos homens.

Na segunda etapa, após aplicação do jogo didático, foram avaliados 22 universitários a fim da participação e entendimento das informações após o jogo. Ao final da aplicação, eles foram submetidos para responder o questionário avaliativo. Considerando a faixa etária de predominância da primeira etapa, eles foram questionados sobre o conhecimento do seu tom de pele assim como descrito no gráfico, gráfico 6, cerca de 22,7% afirmaram ser negros, 36,4% afirmaram ser pardos, 31,8% se declararam branco e 9,1% afirmaram não saber o seu tom de pele. Após a aplicação da primeira pergunta do questionário, eles

foram abordados sobre o histórico de câncer de pele na família assim como descrito no gráfico 5, 77,3% relataram não haver histórico, 18,2% afirmaram possuir e 4,8% relataram não saber.

Quanto à exposição solar, assim como descrito no gráfico 3, 72,7% relataram se expor ao sol diariamente, enquanto 18,2% informaram exposição solar às vezes, e 9,1% apenas nos finais de semana. Em relação às horas, 45,5% relataram se expor ao sol cerca de 0-3h por dia, enquanto 45,5% afirmam exposição cerca de 3-6h, e 9,1% se expõem maior que 6h. Ao serem questionados sobre o uso da proteção solar, assim como mostrado no gráfico 4, 27,3 afirmaram utilizar apenas quando se lembra, 22,7% relatou utilizar apenas na piscina ou praia, cerca de 13,6% afirmaram nunca usar e 36,4% relataram o uso diariamente.

Sobre a reaplicação, 40,9% afirmaram nunca reaplicar o protetor, enquanto 27,3% relataram reaplicar o protetor apenas uma vez, e 27,3% mais de duas vezes. Por último, ao serem perguntados sobre quais os outros tipos de proteção solar costumam utilizar, 77,3% afirmaram utilizar os óculos de sol, 13,6% preferem guarda-chuva, cerca de 22,7% utilizam roupa UV, 40,9% fazem o uso de chapéus e 4,5% afirmou não utilizar nenhum desses.

De modo geral, ao observar a frequência do uso de qualquer tipo de proteção solar, é possível analisar que, mesmo sabendo sobre os riscos que a exposição solar traz, os jovens universitários não possuem uma prática de fotoproteção adequada. Isso demonstra e os colocam em riscos que podem levar a sofrer queimaduras solares, desenvolver câncer de pele devido à exposição prolongada à radiação ultravioleta, deste mesmo modo, terem processos alérgicos, já que a pele é a barreira principal contra os alérgenos e com isso, levar a envelhecer precocemente. Além disso, os fatores determinantes em relação ao conhecimento dos jogadores após aplicação do jogo didático, foram avaliados de forma positiva, considerando as informações e alcançando os objetivos conforme planejados. A participação também foi avaliada, o estímulo e segurança nas respostas coletadas no questionário aplicado após o jogo também foram alcançados.

Os resultados da primeira etapa do estudo revelaram a participação de 102 jovens universitários na pesquisa. A faixa etária predominante foi de 19 a 25 anos, apresentando uma diferença proporcional entre os gêneros. Foram

analisados 47,6% (n=49) participantes do sexo masculino, e 52,4% (n=54) participantes do sexo feminino. Nos dados apresentados em relação aos tons de pele, os mais prevalentes foram pardos com 42,7%, negro com 28,2% e branco com 23,3%.

Quanto aos dados relacionados à pele, 50% dos jovens relataram lesões causadas pelo sol, 21,4% declararam histórico familiar de câncer de pele, e 92,9% acreditam que a exposição ao sol contribui para o envelhecimento da pele. Neste contexto, uma observação relevante foi que apenas 21,4% dos entrevistados consideram seu tom de pele suscetível ao câncer de pele, enquanto 78,6% não compartilham dessa crença.

Ao analisar os hábitos de exposição aos raios solares, constata-se que 92,9% dos jovens universitários não trabalham diretamente expostos ao sol. No entanto, 64,1% deles se expõem entre 0-3 horas por dia, conforme descrito na tabela. Em relação aos horários de exposição solar mais frequentes, 37,9% afirmaram se expor antes das 10h, e 8,7% relataram se expor somente após as 16 horas. No período entre 10 e 16 horas, quando os índices de raios UVB são mais elevados, ocasionando possíveis danos à pele, 69,9% dos entrevistados relataram se expor.

Quanto ao conhecimento desses jovens sobre os riscos provocados pela radiação solar e a prevenção, associada à aplicação diária de protetor solar, apenas 23,3% dos estudantes relataram essa prática. Ademais, 29,1% afirmaram usar o protetor solar apenas quando se recordam, e 41,7% o utilizam apenas em idas à praia ou piscina.

Chama a alerta o fato de que, embora muitos destes apliquem o protetor solar, apenas 37,9% o reaplicam, enquanto 37,9% afirmam não o reaplicar nenhuma vez. Dos entrevistados que utilizam protetor solar, 43,7% aplicam o produto apenas no rosto, 42,7% aplicam no rosto e corpo, e somente 7,8% afirmaram aplicar em membros e mãos.

A utilização de chapéus/bonés como meio de proteção solar foi mencionada por 34% dos entrevistados, e apenas 17,5% utilizam guarda-chuvas. O uso de óculos de sol foi confirmado por 39,8% dos jovens. Em síntese, foram relatadas algumas razões pelas quais os universitários não utilizam o protetor solar, sendo o esquecimento citado por 45,6% deles. Ademais, 31,1% mencionaram a falta de disciplina, 18,4% relataram gostar de pele bronzeada, e 6,8% alegaram não

precisar devido ao tom de pele. Outro fator que contribui para a não utilização do protetor solar, segundo os jovens, foi o custo elevado, citado por 3,9% dos universitários, enquanto 25,2% afirmam não necessitar de proteção devido à pouca exposição diária ao sol.

Vale ressaltar que apenas 28,6% dos entrevistados já foram ao dermatologista. Mesmo com a questão do bronzeamento e exposição intencional, as mulheres apresentaram uma porcentagem significativamente maior na fotoproteção em comparação aos homens.

Na segunda etapa, após aplicação do jogo didático, foram avaliados 22 universitários a fim da participação e entendimento das informações após o jogo. Ao final da aplicação, eles foram submetidos para responder o questionário avaliativo.

Considerando a faixa etária de predominância da primeira etapa, eles foram questionados sobre o conhecimento do seu tom de pele assim como descrito no gráfico, gráfico 6, cerca de 22,7% afirmaram ser negros, 36,4% afirmaram ser pardos, 31,8% se declararam branco e 9,1% afirmaram não saber o seu tom de pele.

Após a aplicação da primeira pergunta do questionário, eles foram abordados sobre o histórico de câncer de pele na família assim como descrito no gráfico 1, 77,3% relataram não haver histórico, 18,2% afirmaram possuir e 4,8% relataram não saber.

Quanto à exposição solar, assim como descrito no gráfico 7, 72,7% relataram se expor ao sol diariamente, enquanto 18,2% informaram exposição solar às vezes, e 9,1% apenas nos finais de semana. Em relação às horas, 45,5% relataram se expor ao sol cerca de 0-3h por dia, enquanto 45,5% afirmam exposição cerca de 3-6h, e 9,1% se expõem maior que 6h. Ao serem questionados sobre o uso da proteção solar, assim como mostrado no gráfico 8, 27,3 afirmaram utilizar apenas quando se lembra, 22,7% relatou utilizar apenas na piscina ou praia, cerca de 13,6% afirmaram nunca usar e 36,4% relataram o uso diariamente.

Sobre a reaplicação, 40,9% afirmaram nunca reaplicar o protetor, enquanto 27,3% relataram reaplicar o protetor apenas uma vez, e 27,3% mais de duas vezes. Por último, ao serem perguntados sobre quais os outros tipos de proteção solar costumam utilizar, 77,3% afirmaram utilizar os óculos de sol,

13,6% preferem guarda-chuva, cerca de 22,7% utilizam roupa UV, 40,9% fazem o uso de chapéus e 4,5% afirmou não utilizar nenhum desses.

De modo geral, ao observar a frequência do uso de qualquer tipo de proteção solar, é possível analisar que, mesmo sabendo sobre os riscos que a exposição solar traz, os jovens universitários não possuem uma prática de fotoproteção adequada. Isso demonstra e os colocam em riscos que podem levar a sofrer queimaduras solares, desenvolver câncer de pele devido à exposição prolongada à radiação ultravioleta, deste mesmo modo, terem processos alérgicos, já que a pele é a barreira principal contra os alérgenos e com isso, levar a envelhecer precocemente. Além disso, os fatores determinantes em relação ao conhecimento dos jogadores após aplicação do jogo didático, foram avaliados de forma positiva, considerando as informações e alcançando os objetivos conforme planejados. A participação também foi avaliada, o estímulo e segurança nas respostas coletadas no questionário aplicado após o jogo também foram alcançados.

Gráfico 5. Questionário aplicado após o jogo, relacionado ao histórico de câncer de pele na família

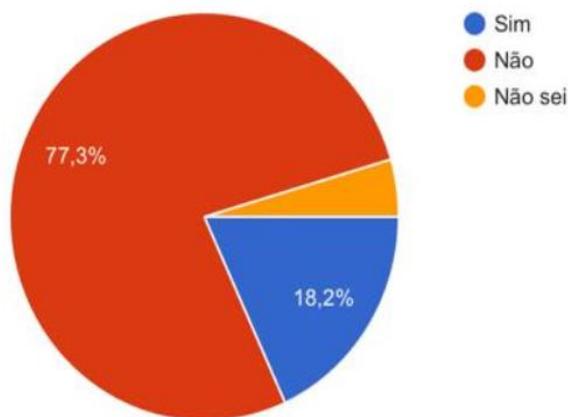


Gráfico 6. Questionário aplicado após o jogo, relacionado ao conhecimento sobre o tom de pele

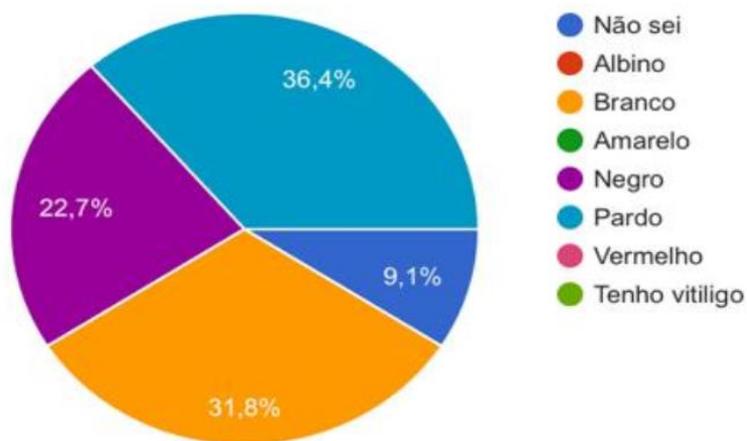


Gráfico 7. Questionário aplicado após o jogo, relacionado a quantidade de vezes exposto ao sol

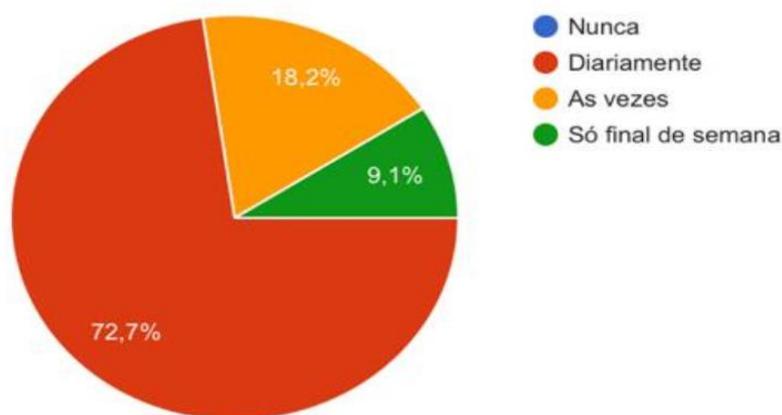
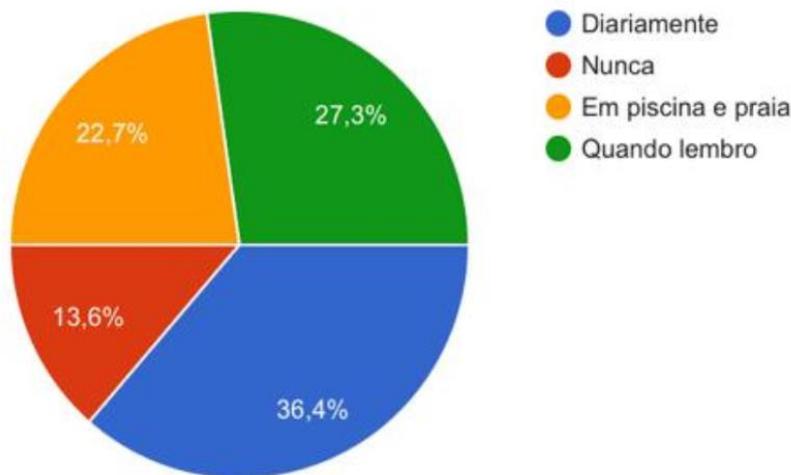


Gráfico 8. Questionário aplicado após o jogo, relacionado à frequência do uso do protetor solar



A utilização de jogos didáticos emerge como uma rota viável, uma vez que pode preencher diversas lacunas deixadas pelo tradicional processo de transmissão-recepção do conteúdo. Essa abordagem facilita a construção e apropriação do conhecimento, ao mesmo tempo em que desperta o interesse dos alunos, promovendo uma participação mais ativa no processo de ensino-aprendizagem, Costa *et al* (2016). Nesse contexto, o papel do condutor do jogo se configura como o de mediador. Assim, na busca por atividades mais motivadoras, dinâmicas e participativas, os jogos didáticos não são apenas atividades de fixação ou passatempo, mas constituem uma alternativa significativa como agentes modificadores da prática educacional. Eles conduzem o desenvolvimento de estratégias, senso crítico e confiança, contribuindo para uma abordagem mais envolvente e eficaz no processo de aprendizagem.

É necessário destacar que independente dos relatos dos indivíduos estudados, existe uma diferença entre saber e achar que pratica uma correta rotina sobre proteção solar. Por exemplo, apesar de 78,6% dos estudados declararem não terem um tom de pele suscetível ao câncer de pele, não entrega a certeza dessa informação. Mesmo o tom de pele mais suscetível ao câncer estar em minoria (brancos), alguns fatos como histórico familiar, real rotina do

uso de proteções solares e ambiente pelo qual o indivíduo frequenta devem ser levados em conta para que seja respondida a questão da suscetibilidade.

Apesar de reconhecerem a importância da proteção solar, apenas 23,3% dos entrevistados afirmaram adotar medidas de fotoproteção. A maioria dos universitários demonstraram negligência quanto aos cuidados da reaplicação do protetor solar, limitando-se a utilizar de forma esporádica. As controvérsias apresentadas após o jogo, adentrou entre o conhecimento teórico e as práticas, é explicada pela crença dos universitários em que a suscetibilidade ao câncer de pele está relacionada liminarmente apenas ao histórico familiar e ao tom de pele, desconsiderando as práticas preventivas. (Costa, *et al.*, 2016).

37,9% afirmaram se expor antes das 10h, 8,7% afirmaram se expor somente após as 16h e 69,9%, a maioria, afirmaram se expor no período entre 10h e 16h, quando os índices de raios UVB são mais elevados, causando mais riscos. O estudo foi feito por Castilho *et al.* (2010). Justifica esse fenômeno pela faixa etária dos estudantes, na intenção de curtir e aproveitar mais o dia com esportes ao ar livre e atividades sociais.

Quanto ao uso de proteções alternativas, bonés/chapéus foram afirmados por 34% e óculos por 39,8%. Não obstante, serem opções que consecutivamente protegem o rosto e/ou glóbulos oculares, acredita-se que pela displicência quanto ao conhecimento em prevenção e o mal uso do protetor solar, são aderidos apenas por questões estéticas e para evitar o incômodo imediato aos olhos causado pelo sol. Apenas os usuários de sombrinha (minoridade, 17,5%) estão logicamente e definitivamente no intuito de se prevenir totalmente contra os raios solares, já que estão protegendo mais da metade do corpo e não há questões estéticas envolvidas.

Curiosamente, neste trabalho também foi observado a população feminina se apresentando mais disciplinada e empenhada quanto aos hábitos de proteção solar, mesmo que a maioria do total não apresente essas características, elas foram as menos inconsequentes. Representando quase o total dos 28,6% que afirmaram já terem ido ao dermatologista, inclusive, essa plebe porcentagem, denuncia muito a falta de educação e descaso quanto ao

autocuidado à saúde da pele e/ou desprezo a profissão por não achar necessário o suficiente para ganhar sua atenção para uma checagem regularizada. Além disso, um estudo feito por Pagung et al., (2023) afirma que os homens também apresentaram ser mais descuidados em comparação às mulheres, onde há um contraste de incidência de câncer de pele não melanoma entre eles.

Sobretudo, está claro que o maior fotoprotetor é o próprio protetor solar, entretanto, o conhecimento quanto a reaplicação é muito deprimido entre os entrevistados, além do fato de que alguns dos que reaplicam, apenas o utilizam no rosto/mãos/braços/membros, mas nunca em todas as áreas de exposição como deveria ser feito, essa informação também pode ser exposta como a maior razão para que metade do total dos entrevistados infelizmente já terem confirmado lesões sofridas pelo sol e também mais uma confirmação para o descaso quanto a ida ao dermatologista. Este elemento coletado, se torna mais preocupante quando aplicado a pequena porcentagem daqueles que trabalham expostos ao sol, já que correm mais risco do que a maioria que não se expõe.

Em síntese, a falta de conhecimento e de preocupação dos entrevistados em relação ao assunto de fotoproteção, assim como também foi concluído o uso irregular da fotoproteção em uma pesquisa entre jovens, Castilho *et al.*, (2010). Dessa forma, com o intuito de amenizar tamanha ignorância, foi criado um jogo educativo aplicado aos entrevistados, afim de reeducá-los e na esperança de uma melhora nos índices de fotoproteção no Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge).

A aplicação do questionário juntamente ao jogo didático, mostrou-se ferramenta eficaz para avaliação do conhecimento dos jovens universitários sobre o câncer de pele. Pois embora haja o conhecimento sobre a importância da proteção solar, poucos a colocavam em prática. Logo, o estudo permitiu identificar alguns desses jovens que se expõem e se protegem da radiação solar de forma inadequada, e conscientizá-los também sobre os riscos e agravos que os raios solares podem causar.

Na finalização do questionário e jogo didático, foi possível observar que os resultados alcançados de ambos informam que a maioria dos jovens tem o

conhecimento de que a exposição solar inadequada é um dos fatores principais que causam o câncer de pele. Perante os resultados do questionário observa-se que, as medidas de fotoproteção são praticadas com mais frequência pelas mulheres, porém, de maneira irregular e nem sempre durante exposições intencionais ao sol.

Com o resultado pós jogo, conclui-se que houve um bom desempenho na avaliação do conhecimento desses jovens quanto à prática de prevenção desta patologia e dos demais agravos decorrentes dos efeitos nocivos que a radiação solar oferece, comprometendo a saúde e principalmente interferir de forma negativa no futuro dos mesmos.

Contudo, percebe-se o quão é importante a aplicação de novas pesquisas e estudos de avaliação do conhecimento sobre fotoproteção entre os jovens, fornecendo orientações em níveis individual e coletivo, a fim de minorar a incidência do câncer de pele.

## REFERÊNCIAS

1. SOUZA, Sonia R; FISCHER, Frida M; SOUZA, José M P . **Bronzeamento e risco de melanoma cutâneo: revisão da literatura**. São Paulo: Revista de Saúde Pública, 2004.
2. CAFRI, Guy; THOMPSON, J Kevin; JACOBSEN, Paul B. **Appearance reasons for tanning mediate the relationship between media influence and UV exposure and sun protection**. United States: Arch Dermatol, 2006.
3. CASTILHO, Ivan Gagliardi; SOUZA, Maria Aparecida Alves; LEITE, Rubens Marcelo Souza. **Fotoexposição e fatores de risco para câncer da pele: uma avaliação de hábitos e conhecimentos entre estudantes universitários**. Brasil: Anais Brasileiros de Dermatologia, 2010.
4. URASAKI , Maristela Belletti; MURAD, Mirian Maria; SILVA, Melissa Teles; MAEKAWA, Thaissa Ayumi; ZONTA, Gizela Maria Agostini. **Práticas de exposição e proteção solar de jovens universitários**. São Paulo: Revista Brasileira de Enfermagem, 2016.
5. PAGUNG, Caroline ; SANTIAGO, Emanuele De ; ANDRADE, Jessica Nobre ; PISSOLATO, Lucas ; JUNIOR, Cipriano Silva; KORTE , Rodolfo Luís. **Câncer de pele não melanoma: uma análise do comprometimento de margens em excisões**. Rondônia: Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, 2023.
6. COSTA, Rosa Cristina ; GONZAGA, Glaucia Ribeiro ; MIRANDA, Jean Carlos . **Desenvolvimento e validação do jogo didático "desafio ciências-animais" para utilização em aulas de ciências no ensino fundamental regular**. Rio de Janeiro: Revista da SBEnBio, 2016.
7. INCA, Instituto Nacional de Câncer. Câncer de pele não melanoma: O câncer de pele não melanoma é o mais comum no Brasil. **Ministerio da Saúde**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/pele-nao-melanoma>. Acesso em: 06 dez. 2023.